

## TRIBUNA TÊNIS

**Tenistas** Os melhores jogadores ganham milhões em prêmios monetários e patrocínios, mas a maior parte dos profissionais passa o ano a viajar pelo mundo em condições precárias

# O DINHEIRO NÃO CHEGA AO OUTRO LADO DA REDE

PEDRO BARATA

Sentado no aeroporto de Bolonha, à espera de um dos muitos voos que fazem parte da sua rotina anual, Gastão Elias desabafa: “O tipo que está aqui sentado ao meu lado se calhar ganhou mais dinheiro em apostas comigo hoje do que eu fiz por jogar.” Atual 202º do *ranking* ATP, o tenista fala com o Expresso depois de “três semanas más”, em que, competindo em Itália e em França, perdeu na primeira ronda de três torneios *challenger*, a segunda divisão do circuito profissional de ténis. Na competição que acabou de disputar Gastão levou para casa €280 de prémio monetário, o que, conjugado com os gastos que tem, o conduz a um triste cálculo: “Nestas três semanas, levo um prejuízo acumulado de cerca de €3 mil.”

O ténis de elite é conhecido pelos milhões que move e o *glamour* que arrasta. Diversos estudos colocam-no como a quarta modalidade mais vista do mundo. Segundo a lista anual da “Forbes”, as duas únicas mulheres entre os 50 atletas mais bem pagos de 2021 são tenistas: Naomi Osaka, com os €55 milhões que a posicionam à frente de estrelas como o basquetebolista James Harden ou Patrick Mahomes, da NFL, e Serena Williams,

com os €37,75 milhões que a fazem ter lucrado mais do que Mbappé. Roger Federer, que liderou a tabela em 2020, foi o sétimo desportista que mais dinheiro ganhou no ano passado, com cerca de €82 milhões. Mas a vida fora do mediatismo dos campeões é bem diferente.

Entre viagens, alojamento ou refeições para duas pessoas — o jogador e o seu técnico —, Gastão Elias, que já foi a 57ª melhor raquete do mundo, gastou no *challenger* de Cherbourg, em fevereiro, €1265, não incluindo o salário do técnico. Como *prize money*, recebeu, após impostos, €350.

Um tenista é uma pequena empresa individual, que tem de pagar, sem a proteção de um clube, os gastos de uma vida quase nómada — Gastão passa entre 25 a 30 semanas por

ano em viagem — e tem de estar sempre a avaliar se as suas condições financeiras permitem, por exemplo, viajar com treinador e fisioterapeuta, “investimentos fundamentais”, diz Elias. Para Noah Rubin, jogador dos EUA que está na 487ª posição da hierarquia — já foi o 125º —, “toda a gente vê o topo do ténis, mas há uma realidade dura para lá disso”, indica-nos um dos atletas que mais fala sobre as condições fora da elite.

**Entrar em majors e \$100 mil anuais: as fronteiras**

“O que faz a diferença são os Grand Slam.” A frase de Pedro Sousa, 250º melhor do mundo, que entre maio de 2017 e o começo deste mês esteve sempre entre os 180 primeiros, é repetida por diversas vozes quando consultadas sobre a estrutura financeira do ténis. Segundo a Bloomberg, antes da pandemia o ténis gerava €2,1 mil milhões anuais, vindo 60% dessas receitas dos quatro principais torneios: Open da Austrália, Roland Garros, Wimbledon e US Open — “os *majors* são entidades à parte da ATP e da WTA [que gerem os circuitos masculino e feminino], podendo subir separadamente os prémios”, explica Rubin.

Gastão Elias recorda que “os 104 primeiros têm presença garantida nos quadros principais de Grand Slam através de *ranking*, mas a diferença de



Gastão Elias, o 202º melhor tenista do mundo — já foi o 57º —, sai de muitos torneios com prejuízo financeiro FOTO ADAM PRETTY/GETTY IMAGES

**UM TENISTA É UMA EMPRESA INDIVIDUAL, TENDO DE PAGAR AS DESPESAS DE UMA VIDA NÓMADA SEM PROTEÇÃO DE UM CLUBE**

nível entre o 104º do mundo e o 110º é pequena, só que financeiramente pode ser enorme”. Tallon Griekspoor venceu em 2021 oito títulos *challenger*, o que lhe valeu €55 mil. No US Open, o neerlandês recebeu €100 mil por chegar à segunda ronda. Cair eliminado à primeira de um *major* valeu, em 2021, entre €57 mil (em Wimbledon) e €68 mil (no US Open), razão para que Elias diga que atingir o quadro principal de um *major* é “a miragem que mantém a malta cá para baixo a jogar”.

Noah Rubin, que só em viagens diz gastar cerca de €45 mil por época, e Gastão Elias avançam com o mesmo número de ganhos em prémios monetários anuais, para “estar tranquilo, sem grande stresse”, como diz o português: 100 mil dólares, cerca de €90 mil, “ainda que não permita propriamente guardar muito dinheiro”, avisa Rubin. Em 2021, o norte-americano teve um “mau ano” e só fez €11 mil em receitas de participação. O *prize money* médio do circuito feminino em 2021 foi, segundo a WTA, €83 mil. Uma jogadora sul-americana, contactada pelo Expresso, disse “não se sentir confortável” em “falar deste tema”.

**“A ATP está-se a borrfar”**

Em 2019, segundo a Bloomberg e o “New York Times”, os tenistas masculinos e femininos só recebiam, em média, 17,5% das receitas dos torneios.

Na NBA, esse valor é de 50% e na NFL é de 48%. Vasek Pospisil, jogador canadiano, agarrou nesta realidade e tomou outro exemplo, o da NHL, a liga profissional de hóquei no gelo, a qual “garante a cerca de 700 jogadores um salário mínimo de €636 mil”, ganhando “mais de metade dos atletas acima de €900 mil anuais”: “O 300º melhor do hóquei ganha mais de um milhão e o 130º do ténis não consegue poupar. Isto não é porque os patrões da NHL são generosos, é porque os hoquistas da NHL têm um sindicato e os tenistas não”, disse ao “New York Times”.

Convencido de que “a ATP já não protegia os interesses dos jogadores”, Pospisil uniu-se a Novak Djokovic e ambos fundaram, em 2020, a Associação dos Jogadores Profissionais de Ténis. “Muitos ganham dinhei-

**A ATP COMPARA OS CHALLENGERS “À UNIVERSIDADE”, EM QUE SE PAGA PARA GANHAR MAIS NO FUTURO. NOAH RUBIN DIZ QUE “ISSO É RIDÍCULO”**

ro suficiente para viver de maneira confortável, mas 95% dos jogadores têm de lutar muito. Considero que tenho responsabilidades nesta situação”, indicou o sérvio, que já passou 361 semanas no topo do *ranking* ATP, recorde absoluto.

Noah Rubin concorda com a avaliação de Pospisil e Djokovic, sublinhando que “a WTA e a ATP não são as entidades certas para mudarem as coisas”. Gastão Elias vai mais longe sobre a organização que gere o circuito masculino: “A ATP está-se completamente a borrfar para quem não está sob os holofotes”, diz sobre um organismo que “funciona de forma ridícula” e sobre o qual “poderíamos estar 10 horas a apontar defeitos absurdos”.

Elias, Rubin e Pedro Sousa são extensivos a apontar as “más condições para a prática de desporto profissional de elite a que os tenistas se habituaram fora dos principais torneios”, diz o norte-americano. Gastão refere que no *challenger* que disputou em Itália, em fevereiro, “nem campo de treinos havia”; Noah indica “deficiências recorrentes em balneários”; Sousa recorda “um torneio do circuito principal, na Índia, em que, há dois ou três anos, houve problemas com a comida”.

Pedro Sousa reconhece que “quem mais tem lutado por mudanças é Djokovic”, ao passo que Elias revela a abordagem dos outros dois membros do *big three*: “O Federer e o Nadal vão

**POLITÉCNICO DE LEIRIA**

### ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Nos termos do disposto pelo artigo 86.º do Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), aprovado pela Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, do artigo 36.º, n.º 3 dos Estatutos do Instituto Politécnico de Leiria e do artigo 5.º do Regulamento de Eleição do Presidente do Politécnico de Leiria, aprovado em 3 de abril de 2009 pelo Conselho Geral do Politécnico de Leiria, torna público que, de 16 de março a 13 de junho de 2022, se encontra aberto o prazo para apresentação de candidaturas à eleição do Presidente do Politécnico de Leiria.

O processo e o calendário eleitoral encontram-se regulados no Regulamento de Eleição do Presidente do Politécnico de Leiria, disponível para consulta em [www.ipleiria.pt](http://www.ipleiria.pt).

Leiria, 25 de fevereiro de 2022.

O Presidente do Conselho Geral do Politécnico de Leiria,  
Professor Doutor Pedro Manuel Gonçalves Lourtie